



FILHOS DE OUTRA SENHORA

«Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei.»

*(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, Cap. XIV —
“Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita”, item 18)*

«Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas.

Se tal não sucede, não é que falte possibilidade: falta a vontade.»

*(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, Cap. XIV —
“Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita”, item 9)*

«A tarefa não é tão difícil quanto vos possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana.»

*(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, Cap. XIV —
“Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita”, item 9)*

Um filho não é uma alternativa ou desculpa para o que quer que seja. Há dilemas incríveis que emergiram desse engano. Um filho é um filho. Nascido da nossa barriga ou por adoção, é filho e pronto. Que seja de outra senhora, não conhecemos os caminhos de Deus. Respeitemos.

Somos Espíritos a viver mais uma experiência terrena. Tal como qualquer um de nós, adultos, a criança, é alguém que tem vindo a percorrer o tempo, em experiências reencarnatórias e que, nesse processo, vai escrevendo o livro da sua vida. Um livro inacabado, com muito ainda por escrever. Há páginas que devem ser apagadas, corrigidas, outras, exaltadas e continuadas até que se tornem pura luz.

A educadora andava angustiada. Olhava para Filipe e imaginava o que lhe passaria pela mente. Para quem não o conhecesse, conseguia ver uma criança fofinha e amorosa. Olhos enormes e, quando se encontrava no escorrega do parque da escola, mostrava um lindo sorriso. De contrário, na sala de aula, fechava-se e pontapeava tudo o que lhe aparecia à frente. As outras crianças fugiam dele, apavoradas. As auxiliares, rapidamente, agarravam-no e, com uma sacudidela, obrigavam-no a parar, ao que o rapazito reagia chorando desconsolado.

Já ninguém aguentava a criança. Amiúde, ouvia-se: «Tá quieto»; «Para com isso»; «Vais ficar de castigo»; «És feio», e muito mais.

Certa vez, uma das auxiliares levou uma cruz de alecrim e colocou escondido atrás do armário da sala. A superstição de que uma alma penada acompanhava o miúdo, desde que a mãe o abandonara, deveria ser atendida. «Nem assim o gaiato aquietou», «Credo, cruces, será mesmo obra do diabo?»

Quando o pai chegava à escola, preparava-se para ouvir um rosário de queixas. Umas piores que outras. O homem, só de ver a professora ao longe, imaginava o sermão que o esperava. «Porque fazes isso, Filipe?» A resposta da criança era silenciosa, porém, cheia de conteúdo pouco entendível para os adultos com quem privava. «Já não sei o que faça contigo. Caramba!»

A escola solicitou apoio aos serviços de psicologia do agrupamento. Analisando o historial de Filipe, o psicólogo apercebeu-se muito deprimido do drama em que o pequeno vivia. Um dos episódios registados relatava a negligência da mãe, numa altura em que a criança ainda mal andava. Conta que, numa das noites, ao sair de casa, deixando a criança só, não viu que deixara a porta mal fechada. Filipe acordou e, a gatinhar, procurou-a. Empurrando a porta, em dois tempos, chegou à rua. Depois de passar um quarteirão, o seu choro chamou a atenção de um homem que passava. Estranhando a situação, ligou para a polícia que, chegando rapidamente, o levou para a esquadra. Entre saber de quem seria a criança, de baterem às portas para perceber o que acontecera, o miúdo adormeceu. A segurança social foi chamada para apurar a situação de Filipe. O pequeno tinha os joelhos todos esfolados e evidenciava negligência. A mãe, que chegava ao nascer do sol, deitou-se e nem deu conta de que a criança não se encontrava em casa. Pela manhã, percorreu a vizinhança à procura do filho, quando soube que a polícia o levava. «Do mal, o menos, aí será cuidado. Entreguem ao pai.»

Chamada a tribunal, ela aceitou que o pai ficasse com a guarda. Nunca viveram juntos, porém, ele assumira a paternidade, desde a gravidez. Todos os meses, entregava uma mensalidade que pouco ou nada chegava para o leite. A avó materna ao saber da situação, mostrou interesse em ajudar. Afinal, quando Filipe estava com ela recebia carinho e alimento. Analisados os intervenientes, o tribunal entregou a criança ao pai. Este, muito jovem, vivia amargurado com toda a situação. Via-se aflito e despreparado para cuidar de uma criança. Foi aceitando a ajuda da avó que insistia em ver o neto. Filipe foi crescendo, ora empurrado para a avó e quando esta adoecia, era entregue aos vizinhos. O pai aparecia à noite, para o levar a dormir em casa.

A vida instável, sem o cuidado que merecia, tornava Filipe uma criança cada vez mais rebelde e angustiada. A direção da escola recebia, diariamente, queixas por parte da educadora e das auxiliares sobre

o comportamento dele. Organizavam reuniões e debates para o caso “Filipe”. «Já não aguento ter essa criança no grupo. Ele está sempre a engendrar ideias aterradoras.»; «Não olhem para mim, eu também já não aguento.»; «Não digam isso, o miúdo sofre com a situação familiar. Ainda não tem cinco anos» — defendia uma educadora. «Diz lá o que devemos fazer?». As reuniões apelavam para a calma, muito embora as estratégias que delineavam não resultassem, nos dias seguintes.

Certo dia, depois do almoço, no momento da sesta, aconteceu algo aterrador. Filipe não gostava de dormir. Nesse dia, deitou-se calmamente, mas assim que a educadora e a auxiliar se afastaram da sala, por momentos, o rapazito levantou-se e escondeu-se por detrás do armário pequeno. Ao regressarem, deram pela falta dele. Aflitas, começaram a procurá-lo. Em tom de brincadeira, sem imaginar consequências, o miúdo levantou-se a rir, elevando os braços, para chamar a atenção. Nesse gesto, o armário caiu para a frente e, por sorte, não atingiu as outras crianças. Filipe, com o susto e os gritos que ouvia de todos, petrificou-se e deixou de falar. Ficou de castigo para o resto da tarde, sentado de braços cruzados, sem se queixar.

Os pais das crianças, ao chegarem, foram confrontados com a notícia que era badalada por toda a gente. Uns, que já não aguentavam as queixas diárias dos filhos, começaram aos gritos: «Essa criança não pode ficar nesta escola.» «É um horror, um monstrinho, como pode continuar aqui?».

Do canto onde se encontrava, Filipe balançava o corpo, arrepiado de medo, sem nada dizer. Júlia, uma das mães que fora buscar o filho e que assistira a todo o aparato, pediu para falar com a diretora. Esta, na defensiva, começou logo a informar:

— Já telefonei ao psicólogo e à responsável da segurança social que segue o Filipe. Não se preocupe que amanhã mesmo vamos tratar deste caso.

— Não era isso que queria dizer. Ele não é um caso. É uma criança. Gostaria de saber se alguém da escola perguntou ao Filipe se ele se magoou?

— Se se magoou? Como?

— Com tudo. Afinal o armário caiu e para além do susto ele poderia ter-se magoado, não? Pelo que sei, o Filipe, até hoje, tem vivido o jogo do empurra. O que acabou de acontecer foi por demais assustador, também para ele. O que estão a fazer a essa criança?

— O que quer que faça? A educadora já não sabe como agir. E digo-lhe que o pai também não. É uma desgraça. Mas olhe, tenho os meus e faço o que posso.

— Vejo que sim. Porém, em vez de o amedrontarmos mais, seria bom mudarmos de atitude. Há outros métodos. Poderei ajudar.

— Venha falar com as educadoras. A bem dizer, elas estão fartas.

— Vejo que sim. Mas não nos podemos fartar das nossas crianças.

— Nossas? Desculpe, são filhos de outra senhora. E olhe que, como o Filipe, temos tido alguns. Miúdos que nem os pais os querem.

— Infelizmente, é verdade. Há lares tão desestruturados, capazes de aniquilar os seus membros com o fel do desprezo e do mal! E nós que assistimos, talvez possamos amenizar a dor dessas crianças e no momento, a do pequeno Filipe.

— Falar é fácil. Temos tentado.

— Acredito que sim — respondeu, enquanto as duas se dirigiam para a sala onde a criança se encontrava, à espera de que o viessem buscar. Júlia, interessada em falar com o pai, aguardou junto à criança que continuava pálida e muda.

— Olhe, eu já não sei o que fazer com ele. A segurança social falou-me de uma casa de acolhimento. Vou entregá-lo para adoção. Eu não consigo. Lá terá melhor sorte — explicou o pai de Filipe, depois de ouvi-la com atenção.

A conversa ficou por aí. Filipe deu a mão ao pai, que o puxou para saírem o mais rápido possível.

Ainda nesse período, a criança foi levada para uma casa de acolhimento, numa outra zona do país. Filipe foi entregue para adoção.

Há dois anos que o casal Pedro e Armanda aguardava pela chamada da segurança social. Chegara o momento depois de vários preparativos. O casal olhava para a criança, embevecidos. O filho que tanto queriam. Depois de uma série de tentativas vãs para engravidar, acabaram por optar pela adoção. Na inscrição, solicitaram uma criança com menos de seis anos. Foram chamados para conhecerem Filipe. O pequenino tinha completado cinco anos. Depois de alguns encontros formativos com o psicólogo da instituição, os novos pais de Filipe inteiraram-se das possíveis dificuldades que iriam enfrentar, até que a criança se entregasse com tranquilidade à nova família. De facto, os primeiros tempos tiveram pinceladas de risos, de lágrimas, de inquietações, de dúvidas e birras intermináveis. A criança punha-os à prova a todo o momento. Como acreditar que era amado, se a sua própria mãe o recusara? E o abandono do pai sem uma explicação?

Pedro e Armanda começaram a viver a heroicidade que é o trabalho de cuidar de um filho. E, no caso, um que lhes veio pelo ventre de uma outra senhora. Um filho que vinha com marcas amargas de rejeição. Um filho.

A adaptação à nova vida era mútua. As insónias, os momentos dramáticos da comida, as negações de Filipe que não aceitava abraços e beijos, começaram a afligir o casal. Como amar a criança que os levava ao limite a toda a hora? Cada atitude, uma afronta.

Ambos tomaram consciência de que o processo educacional de Filipe exigiria deles uma postura diferente, daquilo que entendiam sobre a paternidade e maternidade. O momento apelava pela transformação moral deles mesmos. Teriam de ser pessoas muito melhores. Genuinamente melhores. Sem essa mudança, dificilmente se sentiriam em paz, no caos que se instalara em casa. Para tanto, só com uma consciência plena dos

momentos a viver. Trabalhar as emoções de cada um, impunha-se. Não deveriam reagir ou criar dramas a cada explosão da criança. Teriam que ser empáticos, assertivos, flexíveis e amorosos, exemplos a seguir, porquanto, ser mãe e pai é ser-se isso tudo.

— E nós a pensar que estávamos preparados para sermos pais!

— Nem mais. Quem iria prever tal coisa. Mas vamos bem, não?

— Acredito que sim — respondeu Pedro. — Vendo-o a dormir parece um anjinho. Olha para ele!

— É o nosso anjinho, amor. Nada é por acaso. Com tudo o que estamos a aprender nos estudos espíritas, temos razões de sobra para levarmos a nossa tarefa avante.

— De onde terá vindo esta alma? Tem sido difícil, mas gosto deste miúdo.

— É nosso! Tenho a certeza. E o abraço em breve virá. Já faltou mais. Tenhamos paciência — concluiu Armanda, com olhos sonhadores.

— No fundo todos nós estamos a ser ajudados. Não fosse o Filipe, não estaria tão preocupado em me tornar mais calmo.

— Ora aí está. A nossa vida à prova, amor. A tal da reforma íntima, eh, eh.

— Chego à conclusão de que a parentalidade é um curso de crescimento pessoal.

— Não duvides. Sejam com os filhos gerados na nossa barriga ou os concebidos por outros pais. Uma experiência e tanto!

— Eu que o diga! — confirmou Pedro, passando a mão pela cabeça. — Já estou a ficar careca.

Riram-se.

O casal vivia intensamente a adaptação de Filipe nas suas vidas. Procuraram aconselhamento parental e, determinados em salvar a criança

e o amor que já sentiam por ela, trabalharam afincadamente no próprio desenvolvimento pessoal. Tornaram-se pessoas eticamente melhores. Bons cristãos. Bons pais.

Estudiosos do Espiritismo, Pedro e Armanda imaginavam que houvesse entre os três alguma ligação de outras vidas. Acreditavam que nada seria por acaso. E de facto era assim. Neste caso concreto, pelas junções de uma lei maior, a que rege o mundo de relações e que testemunha a misericórdia de Deus, Filipe estava ligado por várias encarnações ao casal, como filho. O reencontro não poderia ter sido pela forma natural do parto, uma vez que todo o sistema reprodutor de Armanda estava comprometido pelas violações à Lei, em outras existências terrenas. O aborto fora praticado de forma imprópria, pelo que, nesta vida, o seu corpo espiritual trazia determinadas lesões que se manifestavam no físico, muito embora, não ter sido encontrada nenhuma explicação, por parte da ciência terrena.

Pela Doutrina Espírita sabemos que todos trazemos, na nossa alma, as impressões dos nossos feitos, bons e menos bons. Por vezes, carregamos bagagens tremendas, de muitas vidas. Colocá-las no chão e desfazemo-nos do que não interessa, educando-nos no bem, nem sempre é fácil. Reconhecer esta verdade é inquietante. O esquecimento do passado é uma bênção. É a esperança a nosso favor. Por isso, quando as situações mais complicadas surgem, vivê-las com aceitação e desenvolver a boa luta é um desafio a vencer.

O trio, Filipe, Armanda e Pedro viviam com intensidade a oportunidade que esta encarnação lhes oferecia: a expiação, o resgate das faltas passadas e a possibilidade da reparação. Na sequência, o crescimento espiritual. Cada um a assumir o papel que lhes competia exercer na família que criavam, com a bênção de um governo maior. No processo, as curas e as alegrias aconteciam.

No final do terceiro ano na vida do casal, Filipe soube, feliz, que iria ter um irmão. Armanda finalmente engravidara. A gratidão surgia no

imo das suas almas.

— Estamos curados. Filipe curou-nos! — Pedro sorria para a esposa.

— A cura foi mútua, amor — respondeu-lhe, enquanto acolhia o abraço do filho.

— Tens razão, Armanda. É verdade que «O amor cobre a multidão dos pecados» (I Pedro 4:8)